

Os jogos e as brincadeiras no pátio

Há de se questionar diante das práticas escolares se alguns comportamentos e atitudes são mais tolerados nas alunas do que nos alunos. Uma menina jogar futebol causa tanto estranhamento quanto um menino brincar de boneca ou de casinha em meio às panelinhas e o minifogão?

Como temos refletido neste Curso, a observação de situações e atividades escolares é reveladora de onde e como se constroem as diferenças, as oposições e as desigualdades de gênero no cotidiano escolar. Ao considerar, por exemplo, como meninas e meninos são *separados ou misturados* no e pelo ambiente escolar, podemos perceber como as representações de gênero repercutem na escola.

Ao olhar a sala de aula, nota-se a predominância da separação entre alunas e alunos, expressa até mesmo pela disposição das carteiras. No pátio, entretanto, a primeira impressão pode ser de uma "mistura" indistinta entre meninos e meninas. Assim, inicialmente, parece haver divisões na sala de aula e "misturas" no pátio. Contudo, quando direcionamos um olhar mais atento ao pátio, torna-se perceptível que a organização desse espaço e sua ocupação por meninos e meninas também são pautadas pelo modo como masculinidades e feminilidades são concebidas.



Os jogos e as brincadeiras dos quais participa a maioria dos alunos e das alunas quando estão no pátio também são expressivos. Eles podem revelar como as relações de gênero vão sendo construídas e, ao mesmo tempo, como vão fabricando meninas, meninos, homens e mulheres. As atividades de pátio, das quais alunas e alunos se ocupam no recreio, podem ser agrupadas em quatro categorias:

Os jogos e as brincadeiras dos quais participa a maioria dos alunos e das alunas quando estão no pátio também são expressivos. Eles podem revelar como as relações de gênero vão sendo construídas e, ao mesmo tempo, como vão fabricando meninas, meninos, homens e mulheres. As atividades de pátio, das quais alunas e alunos se ocupam no recreio, podem ser agrupadas em quatro categorias:

- Atividades exclusivas das alunas: lanchar e conversar; passear pelo pátio em duplas ou trios; jogar vôlei ou handball.
- Atividades exclusivas dos alunos: futebol; lutas corporais de breve duração; jogos eletrônicos ou de cartas;
- Atividades mistas (com alunas e alunos) sem reforço predominante de desigualdade entre

o masculino e o feminino: queimada; pique-esconde. Jogos em que meninos e meninas participam de forma indistinta podem ser percebidos como *atividades de fronteira*, na acepção utilizada pela americana Barrie Thorne¹, em seu livro *Gender Play* (Tradução livre: *Jogos de gênero*). De acordo com Thorne, nessas atividades de fronteira não existem movimentos “de mulher” ou “de homem” e todos exercem os mesmos movimentos e habilidades para brincar. Atividades como a “queimada” e o “pique-esconde” podem ser pensadas como uma maneira de *borrar* as tradicionais fronteiras entre masculinidades e feminilidades.

- “Atividades mistas (com alunos e alunas) com claro reforço de desigualdade entre o masculino e o feminino: jogos e atividades em que são formados times “eles x elas”; Menino pega Menina” e “Menina pega Menino”, como uma “releitura” do conhecido e comum “pega-pega”.

Nas escolas é possível perceber a existência de espaços e territórios delimitados para ocupação masculina e feminina. Esses territórios são construídos utilizando-se diferentes

Nas escolas é possível perceber a existência de espaços e territórios delimitados para ocupação masculina e feminina. Esses territórios são construídos utilizando-se diferentes artifícios originados nos conceitos preestabelecidos de masculino e feminino e de relações de poder.

artifícios originados nos conceitos preestabelecidos de masculino e feminino e de relações de poder. O acesso ao território masculino é negado ao feminino, e constitui-se em uma relação de poder entre meninos e meninas em que o masculino tem o domínio sobre o feminino. A menina que ousa transgredir tal relação de poder estabelecida é punida. Muitas vezes essas meninas são pejorativamente apelidadas de “corrimão”, “maçaneta”, entre outras.

Quando se observa o comportamento de uma menina que não seria julgado como “natural” de menina, porque ela insiste em estar junto com os meninos, apresentam-se com frequência dúvidas sobre a sua orientação sexual. Os territórios masculinos são reforçados pelas compreensões de masculino e feminino.

Atualmente, é mais comum meninas assumirem atividades que até pouco tempo eram exclusivamente masculinas do que meninos e rapazes se ocuparem de afazeres percebidos tradicionalmente como femininos. Essa diferença de avaliação expressa a hierarquia de gênero. Uma moça ou menina pode assumir uma atividade considerada masculina sem que isso implique necessariamente desvalorizar-se. No entanto, quando um rapaz exerce uma prática associada ao feminino, a desvalorização é freqüente.

¹ THORNE, Barrie. *Gender Play: Girls and Boys in School*. New Brunswick, NJ.: Rutgers University Press, and Buckingham, England: Open University Press, 1993.

Desta forma, podemos concluir que ainda vivemos uma época em que é atribuído maior valor ao masculino do que ao feminino. E mais, quando meninos têm atitudes consideradas femininas, eles são objeto de suspeita se seriam “verdadeiramente homens”, aludindo a uma possível homossexualidade. Um estudo realizado em escolas cariocas mostrou que o preconceito contra homossexuais ou alunos que parecem ser homossexuais é mais explicitado do que preconceitos sobre raça/cor. Assim, é possível constatar que expressar preconceito contra negros é mais vergonhoso do que fazê-lo contra homossexuais². Meninos e rapazes que não seguem o modelo da masculinidade hegemônica são prejudgados e sofrem discriminação.

Através destes exemplos, pudemos constatar que as atividades típicas do pátio são potentes expressões de como as concepções de gênero orientam a maneira como alunos e alunas interagem entre si, expressam seus corpos e aproveitam de forma diferenciada e desigual, por toda a infância e até a idade adulta, o elenco de movimentos, jogos e brincadeiras possíveis. Portanto, a observação dessas atividades pode evidenciar como se dá o *aprendizado da separação*.

Em última análise, jogos e brincadeiras são capazes de fornecer dados necessários à elaboração de atividades de lazer que remetam às competências a serem desenvolvidas igualmente por meninos e meninas. As brincadeiras seriam de todos que quisessem

A escola apresenta e institui sujeitos, indivíduos, a partir de um “modelo”. Este modelo é masculino, branco e heterossexual, e todas as pessoas que não se encaixam nele são o Outro, que é reiteradamente tratado como inferior, estranho, diferente.

reinventá-las cotidianamente. As quadras poderiam ser ocupadas segundo diferentes objetivos que não apenas o desenvolvimento da agilidade e da força. Esta seria uma das variadas maneiras de escolarizar crianças e adolescentes visando a perseguir a igualdade racial, de gênero e de orientação sexual como conteúdos curriculares de orientação interdisciplinar, abarcando inclusive disciplinas como matemática, português, geografia e língua estrangeira.

Como pudemos perceber, a escola muitas vezes é uma instituição normalizadora da era moderna. Os/as educadores/as não se dão conta de quão silenciosa, sutil e reiteradamente as masculinidades e as feminilidades são construídas e lapidadas cotidianamente: com gestos, falas, orientações, olhares, jogos, brincadeiras, ocupações de espaços, comportamentos e avaliações. Assim também no que diz

respeito aos livros didáticos, às normas, à própria organização da escola, aos conteúdos, ao currículo. A escola apresenta e institui sujeitos, indivíduos, a partir de um “modelo”. Este modelo é masculino, branco e heterossexual, e todas as pessoas que não se encaixam nele são o Outro, que é reiteradamente tratado como inferior, estranho, diferente. Esta forma de olhar a sociedade é que institui a desigualdade e não a diferença por si só – como olhamos,

² NIPIAC – Yvone Maggie. *Reparação: racismo e anti-racismo em escolas cariocas*. Em: www.psicologia.ufrj.br/nipiac

de onde olhamos, percebemos e falamos sobre esta diferença é que se dá a produção da desigualdade. Toda vez que a escola deseja “encaixar” um aluno ou uma aluna em um “padrão” conhecido como “normal” está produzindo desigualdades. Romper com isto significa estar atento/a, olhar de outros ângulos, questionar o que parece ser “natural” e inquestionável, discutir e refletir sobre a prática pedagógica da escola, seu conteúdo, seu discurso e sua organização.